



A VOZ ROUCA

que não se cala

SP #24 @avozrouca
novembro/24

Atividades adaptadas: quando as escolas vão se adaptar?

Não devia ser novidade para ninguém, mas vale sempre repetir: a aula é só a ponta do iceberg do trabalho docente. De certa forma, a composição do nosso salário reconhece isso quando separa hora aula e hora atividade. Mas só "de certa forma"... Afinal, na rede particular, a hora atividade corresponde a 5%. Quer dizer que a cada aula de 50 minutos, gastamos só dois minutos e meio fazendo planejamento, preparação e correção?

A insuficiência da hora atividade também não é notícia nova, mas vem se tornando alarmante nos últimos anos, conforme as transformações no "merca-

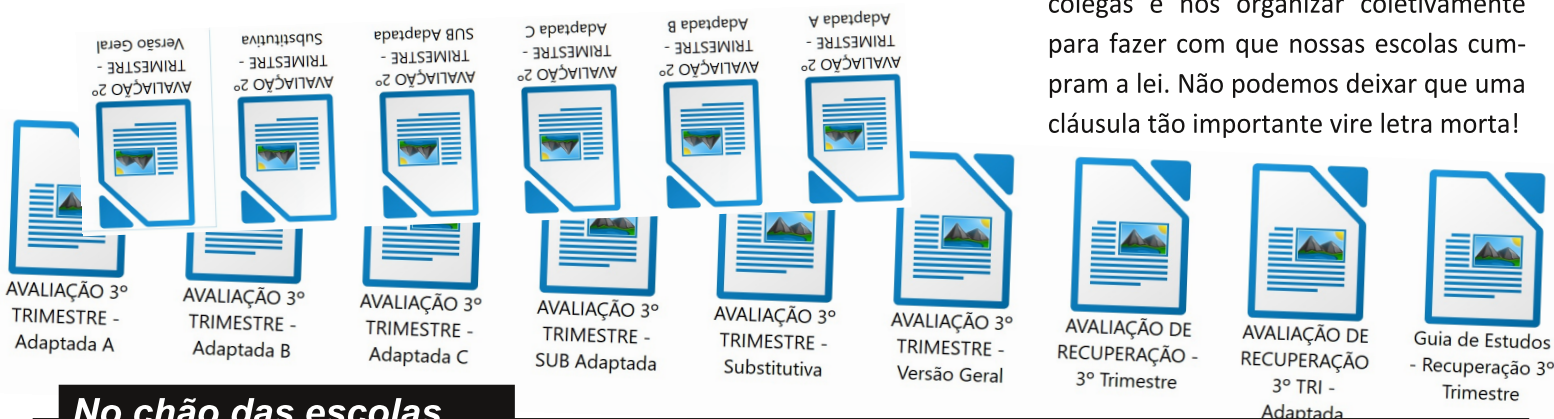
do da educação" multiplicam novas demandas na nossa rotina: planilhas, relatórios, plataformas, projetos... nos mesmos 2 minutos e meio!

A Convenção de 2024 trouxe uma ótima notícia: as atividades adaptadas devem ser remuneradas! Essa conquista trouxe à tona o quanto tem crescido a demanda por adaptações – um trabalho tão complexo e delicado, que gera angústia, já que muitos de nós não nos sentimos totalmente capacitados a fazê-lo. Há escolas que exigem 5 versões da mesma atividade, cada uma específica para um tipo de diagnóstico!

Porém, desde a aprovação da cláusula, a

importante tarefa de adaptar atividades vem sendo relativizada por alguns gestores: ora, se os professores "só" fazem grifos ou simplificam enunciados, será que isso pode ser considerado uma "adaptação" a ponto de justificar o pagamento extra? Ironicamente, continuam cobrando o mesmo trabalho extra.

Muitos patrões estão empurrando com a barriga o pagamento das adaptadas, que deveria ser feito retroativamente desde março de 2024! O que podemos fazer? Denunciar ao Sinpro pode ser um primeiro passo, mas não podemos esperar sentados que o sindicato faça tudo por nós. Precisamos conversar com nossos colegas e nos organizar coletivamente para fazer com que nossas escolas cumpram a lei. Não podemos deixar que uma cláusula tão importante vire letra morta!



No chão das escolas...

Boicote

"A briga pelas adaptadas vai ser igual a das provas substitutivas. Mesmo com a escola cobrando uma taxa das famílias, aqui nunca recebemos pela produção das substitutivas. Denunciamos no Sinpro e nada mudou. Então combinamos entre as professoras dos Anos Iniciais e paramos de fazer. A gente aplica prova anterior de novo em outra data. Não é o mais adequado pedagogicamente, mas a escola não paga adequadamente, né? No caso das adaptadas, podemos usar a mesma solução."

Uma tarefa a menos

"A cláusula das adaptadas chegou num momento em que o corpo docente vinha levantando vários questionamentos trabalhistas na escola. Para evitar um problema a mais, a coordenação anunciou que não pediria mais as adaptadas. Eles mesmos adaptam agora. Na prática, foi uma conquista."

Um pagamento a mais

Recebemos relatos de escolas que, no último mês, comunicaram aos professores que iniciarão o pagamento das adaptações. Agora é ficar atento aos holerites!

Em caso de falência, organize-se!

Relato da organização dos trabalhadores durante o fechamento da Nova Escola em 2016

Sempre que chega o fim do ano aparecem rumores de que algumas escolas estão mal financeiramente, de que correm o risco de falir, de que a crise afeta as matrículas. Não podemos deixar esses discurso nos desorganizar, por isso, compartilhamos um relato de falência e organização coletiva dos trabalhadores e trabalhadoras neste processo.

Quando trabalhava na Nova Escola passamos um tempo ouvindo rumores sobre a falência antes dela de fato acontecer. Um professor falava para o outro – em geral a notícia chegava por professores que eram próximos aos cargos diretivos, ou à mantenedora, mas nunca em um debate democrático sobre o que estava acontecendo.

Não chegou a ter falta de pagamento porque havia alguém para pagar a conta: a mantenedora, que era a Associação Pela Família. Durante o processo e mesmo no momento da falência todos os valores devidos foram pagos adequadamente, sem atraso de salário.

No momento em que foi anunciado o fechamento, os professores se mobilizaram bastante, aliados às famílias e aos estudantes. A Nova Escola era um projeto bem diferente e as famílias sabiam que não iam encontrar algo que se aproximasse dele. Essa mobilização conjunta era para tentar convencer a mantenedora a não fechar a escola. Foi isso, entre outras coisas, que conseguiu adiar o fechamento por um ano. Lembro que na época tinha uma discussão de que legalmente não era possível, ou que teria alguma penalidade, fazer o anúncio para as famílias após setembro, pois elas precisariam de mais tempo hábil para tentar colocar seus filhos em outras escolas. Porém, isso gerou uma fuga de matrículas, e aí ficou mais evidente que do ponto de vista financeiro o projeto não estava se sustentando.

Ainda assim, os salários foram mantidos, os pagamentos estavam sendo feitos. Tinha algumas pessoas que deveriam receber valores maiores e fizeram acordos diretamente com a mantenedora. Chegou a acontecer um processo judicial aqui e outro ali, de maneira localizada. Era uma escola que trazia muito essa ideia de escola democrática, na qual tudo era discutido, porém a notícia chegou sem aviso prévio: era uma escola democrática até a página 2. Acho que por isso pegou todo mundo de surpresa. Já era também um hábito na escola fazermos assembleia conjunta com outros setores, então os demais funcionários participaram desse processo de mobilização desde o início. Eles foram os que sentiram primeiro as consequências – o jardineiro foi demitido primeiro, por exemplo... eles eram o elo mais fraco e foram os primeiros a serem desligados.

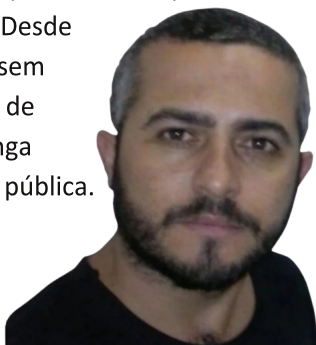
A maioria dos trabalhadores conseguiu se realocar em outras escolas e recebeu os valores, mas muitos dedicaram anos a um projeto e nunca mais conseguiram construir algo parecido. Até teve uma tentativa, na época do fechamento, de a gente montar uma outra escola para as famílias que tinham interesse em manter os filhos em um projeto pedagógico semelhante, mas faltou capital, faltou uma série de coisas, e acabou não se viabilizando. Hoje os professores estão em outras escolas, passando por outros tipos de constrangimento e exploração!

Liberdade ao Professor Adriano, preso por lutar!

O professor de História da rede municipal e Representante Sindical de Unidade (RSU), Adriano Gomes da Silva, está preso desde 16/09 por um processo que correu à sua revelia, sem que ele recebesse intimação para audiências. Ele foi condenado a 10 meses de prisão por desacato no dia do despejo da comunidade onde vivia, no Butantã, há 8 anos. Adriano foi surpreendido com um mandado de prisão ao ser parado em uma blitz com a família há 2 meses. Desde então está no CPP Franco da Rocha sem direito a visitas e sem acesso a itens de higiene básica. Adriano tem uma longa trajetória nas lutas e greves da rede pública. Toda solidariedade é fundamental!

Para saber como ajudar, acesse:

@cadecadriano no Instagram.



o que é A VOZ ROUCA?

A Voz Rouca é uma iniciativa autônoma de trabalhadores da educação contra a degradação das condições de trabalho. Num cenário de compra de escolas particulares por grandes conglomerados e privatização gradual do ensino público, nos reunimos para resistir à precarização dos contratos, à imposição de tecnologias e métricas empresariais sobre nosso trabalho, ao aumento da vigilância sobre a sala de aula; e ao sofrimento e adoecimento.

Distribuído em salas de professores de escolas das redes públicas e do setor privado, este boletim reúne denúncias e relatos de luta e organização coletiva no dia a dia, incentivando a auto-organização para além dos sindicatos. Envie relatos de sua escola ou entre em contato para participar das reuniões!

@avozrouca | <https://avozrouca.org>

